

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 45 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8352400>



INTERFACE TRABALHO-FAMÍLIA PARA TRABALHADORAS RURAIS: UM ESTUDO QUALITATIVO

Marina Sozo¹

Júlia Gonçalves²

Resumo

O presente estudo objetivou compreender as relações percebidas entre trabalho e família para mulheres trabalhadoras rurais familiares de um município do Estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que as participantes responderam a um questionário de dados sociodemográficos e a uma entrevista com roteiro semiestruturado. Os dados obtidos foram submetidos a análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que, na percepção das participantes, as famílias desenvolvem uma organização própria e a distribuição das atividades envolve todos seus membros, apesar disso, a divisão sexual de tarefas, entre homens e mulheres, permanece. A integração das duas esferas - trabalho e família - na vida das mulheres trabalhadoras foi nítida, pois vivem no ambiente de trabalho e trabalham com seus familiares, com isso, todos os momentos são considerados adequados para se discutir questões relacionados ao trabalho. O estudo propiciou maior compreensão sobre as condições de vida e de trabalho no contexto rural, contribuindo para dar visibilidade a essa realidade pouco estudada. Somado a isso, traz subsídios sobre como a psicologia poderá atuar na busca de estratégias de conciliação e equilíbrio na interface trabalho-família neste contexto.

Palavras-chave: Interface Trabalho-Família; Psicologia do Trabalho; Trabalhadoras Rurais.

Abstract

The aim of this study was to understand the perceived relationship between work and family for women rural family workers in a municipality in the state of Rio Grande do Sul. This is a qualitative study in which the participants answered a questionnaire with sociodemographic data and an interview with a semi-structured script. The data obtained was subjected to content analysis. The results showed that, in the participants' perception, families develop their own organization and the distribution of activities involves all their members, although the sexual division of tasks between men and women remains. The integration of the two areas - work and family - in the lives of working women was clear, as they live in the workplace and work with their families, so every moment is considered appropriate for discussing work-related issues. The study provided a greater understanding of living and working conditions in the rural context, helping to give visibility to this little-studied reality. In addition, it provides information on how psychology can act in the search for strategies to reconcile and balance the work-family interface in this context.

Keywords: Female Rural Workers; Work-Family Interface; Work Psychology.

INTRODUÇÃO

O fenômeno de estudo do presente texto é a Interface Trabalho-Família, partindo da compreensão de que essas duas esferas são interdependentes e capazes de influência mútua. Com isso, duas perspectivas podem ser adotadas, por um lado a ideia de que o acúmulo dos papéis de trabalhador e de membro efetivo de uma família se complementam e trazem benefícios, por outro, por meio de uma abordagem de conflito, em que as incompatibilidades, em especial de demandas, tempo e comportamentos, se evidenciam.

¹ Psicóloga. Especialista em Psicanálise pelo Centro Universitário FAVENI (UniFAVENI). E-mail: marinasozo@msn.com

² Professora na Atitus Educação. Doutora em Psicologia. E-mail: julia.goncalves@atitus.edu.br



As intensas transformações sociais que vivenciamos na contemporaneidade impactam diretamente em reestruturações nesses dois âmbitos. Se, por um lado, as famílias vivenciam novas configurações e arranjos, por outro, no mundo do trabalho, as mudanças econômicas, políticas, ambientais e tecnologias impactam os mais diversos segmentos. Essas mudanças sociais repercutiram também em transformações nos lugares ocupados pelas mulheres, em especial, no contexto do trabalho. O aumento da participação feminina no trabalho aponta para modificações nos papéis de gênero na sociedade, porém, apesar disso, permanece a concentração de afazeres domésticos e parentais a elas. Conciliar responsabilidades profissionais e domésticas nem sempre é uma tarefa fácil e, quando isso não é possível, são identificadas consequências negativas tanto para a saúde dessas trabalhadoras, quanto para sua performance e desempenho no trabalho.

Ao delimitar a discussão das relações entre a família e o trabalho ao contexto rural, percebe-se que, essas instâncias operam de forma unificada e sistemática, pois vive-se no ambiente de trabalho e trabalha-se com seus próprios familiares. Estudar essa problemática dentro de um contexto pouco investigado significa a construção de conhecimento, contribuindo para projetos e atuações profissionais que venham a ser desenvolvidos em prol da saúde e bem-estar desse público, em especial por considerar que no campo, o trabalho e a família, estão interligados em tempo integral. O conhecimento gerado por pesquisas que investigam fenômenos influenciadores de saúde ou de adoecimento é fundamental também para fornecer subsídios teóricos para proposições e estruturação de políticas públicas voltadas aos trabalhadores rurais, que se veem, muitas vezes, desassistidos de ações governantas de suporte e amparo. Somado a isso, é importante destacar que, o tema do estudo é convergente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) aprovados na Agenda 2030 em assembleia geral das Nações Unidas (ONU), especificamente relacionado ao objetivo 3 “Saúde e Bem-estar”, ao objetivo 5 “Igualdade de Gênero” e ao objetivo 8 “Trabalho Decente e Crescimento Econômico”.

O objetivo deste estudo foi compreender as relações percebidas entre trabalho e família para mulheres trabalhadoras rurais familiares. A pesquisa foi realizada em um pequeno município do interior do estado do Rio Grande do Sul em que a economia historicamente é baseada na produção agrícola, característica comum aos municípios da mesorregião. Neste estudo de delineamento qualitativo, oito mulheres, trabalhadores rurais familiares, foram entrevistadas individualmente. Os dados sociodemográficos obtidos foram utilizados para caracterizar as participantes e os advindos das entrevistas foram submetidos a análise de conteúdo categorial.

O desenvolvimento da pesquisa circunscreve-se na perspectiva teórica da Psicologia do Trabalho. A fundamentação teórica, que apresenta os conceitos fundamentais e os aspectos gerais do



contexto de estudo, foi construída por meio de uma revisão narrativa da literatura, com uso predominante de artigos científicos nacionais e internacionais.

O texto está dividido em cinco seções. Esta introdução apresenta, de forma breve, a temática, as justificativas do estudo e o recorte metodológico e teórico adotado. A segunda seção, intitulada de revisão de literatura, aborda o fenômeno estudado – interface trabalho-família - e aspectos específicos de delimitação do campo de estudo – contexto rural. O método traz a caracterização das mulheres trabalhadoras rurais participantes, cita os instrumentos e descreve os procedimentos de coleta e análise dos dados. Na quarta seção são apresentados os resultados e a discussão, divididos em três subseções conforme as categorias estabelecidas para a coleta e interpretação dos dados. Nessas subseções evidenciam-se os trechos de falas das entrevistas e a análise em convergência aos dados da literatura científica. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais resultados, reforçam as implicações do estudo, apresentam as limitações e lacunas que podem ser supridas com futuras pesquisas.

REVISÃO DE LITERATURA

A família configura-se como um conjunto de normas, práticas e valores que possuem seu lugar, tempo e história (SILVA; ORO; BOSSARDI, 2021). O termo “família” retrata uma realidade social (WALSH, 2016), ou seja, é uma instância importante na constituição do indivíduo, configurando-se como um espaço de socialização em que são desenvolvidas estratégias de sobrevivência, se aprende sobre cidadania e desenvolve-se como pessoa e membro de um grupo. A noção de família é relacionada ao estabelecimento de vínculos, afetos e sentimentos (SILVA; ORO; BOSSARDI, 2021) e associa-se a responsabilidade pelo cuidado de seus entes, provendo saúde (MARASCHIN *et al.*, 2020). As experiências vivenciadas dentro do sistema familiar são individuais, particulares e importantes para a constituição das identidades (SILVA; ORO; BOSSARDI, 2021).

O trabalho também se estrutura como uma categoria central na formação da identidade e da subjetividade dos indivíduos, bem como, contribuiu para sua construção como um ser social, possibilitando processos de socialização (ANTUNES, 2015; GONÇALVES *et al.*, 2020). A atividade laboral está relacionada com a vida econômica e, a depender dos sentidos que lhe são atribuídos, promove realização profissional, bem-estar, percepção de contribuição com a sociedade, independência e conquista de responsabilidades (GONÇALVES *et al.*, 2020).

A família e o trabalho são dois domínios centrais da vida da maioria dos adultos (AGUIAR; BASTOS, 2017), constituindo-se como instituições sociais que desempenham papéis fundamentais, desde a dimensão primária de transmissão de tradições, valores e afeto até o desempenho do papel



produtivo intelectual e material (BILAC, 2014). Por muito tempo, no entanto, trabalho e família foram entendidos como campos de estudos e intervenções independentes (AGUIAR; BASTOS, 2017). Porém, as mudanças sociais, em especial econômicas e tecnológicas, introduziram desafios na forma como os indivíduos estruturam e gerenciam suas responsabilidades familiares e de trabalho, e demandaram reflexões sobre com esta relação é constituída (MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017).

Quando relacionados, os domínios do trabalho e da família, duas perspectivas surgiram para a compreensão de suas relações. De um lado a abordagem de conflito considera os fatores que causam desequilíbrio entre a vida profissional e a familiar, por outro, a da conciliação refere-se as influências positivas do trabalho sobre a família ou vice-versa (AGUIAR; BASTOS, 2017; 2018; BARHAM; VANALLI, 2012; MATIAS; FONTAINE, 2012; MOLINA, 2021; OLIVEIRA; CAVAZOTTE; PACIELLO, 2013). Apesar dessa diferenciação, é importante destacar que as concepções negativas e positivas das interfaces entre o trabalho e a família não são, necessariamente, excludentes (MATIAS; FONTAINE, 2012) e sim, podem ser compreendidas como construções distintas (GREENHAUS; ALLEN, 2011).

Vários fatores como mudanças na estrutura familiar e nos padrões de trabalho, contribuíram para o interesse em estudos e práticas sobre trabalho-família nas últimas décadas (MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017). Pesquisas iniciais sobre o tema trabalho-família privilegiaram a perspectiva de conflito entre as instâncias, observando o lado negativo da interação que é capaz de gerar sofrimento e adoecimento mental e físico no indivíduo (AGUIAR; BASTOS, 2018; MOLINA, 2021; OLIVEIRA; CAVAZOTTE; PACIELLO, 2013), e por isso, possuem importância social (MOLINA, 2021). Indivíduos são mais propensos a experimentar resultados ruins, tanto no trabalho quanto na família, quando ocorre um desalinhamento entre as esferas e uma dificuldade de gestão de limites (ALLEN *et al.*, 2021). A integração entre os diversos papéis ocupados por um indivíduo requer a resolução dos conflitos e a obtenção de ganhos e recompensas por meio da utilização de estratégias individuais e coletivas (MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017).

Com o passar do tempo, os estudos também buscaram investigar o equilíbrio nesta relação, surgindo pesquisas voltadas a interface positiva e de conciliação entre os âmbitos (CHAMBEL; SANTOS, 2009; GOULART JR *et al.*, 2013; MAIA; ALLOUFA; ARAÚJO, 2015; MATIAS; FONTAINE, 2012; MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017). O equilíbrio entre trabalho e não trabalho reflete uma avaliação geral da eficácia e satisfação de alguém com funções profissionais e não profissionais (GREENHAUS; ALLEN, 2011).

As relações entre família e trabalho são interdependentes e bidirecionais (GREENHAUS; ALLEN, 2011), ou seja, situações originadas no trabalho podem ter reflexos nas relações familiares e



influenciar diretamente no bem-estar do indivíduo, assim como as questões familiares podem afetar o desempenho e a realização das atividades laborais. Deste modo, família-trabalho e o trabalho-família são conceitos distintos, mas que se relacionam diretamente (AGUIAR; BASTOS, 2018; GOULART JR *et al.*, 2013; MOLINA, 2021).

A investigação sobre fenômeno interface trabalho-família é relevante, compreendendo como os aspectos do trabalho e da família são vivenciados por pessoas inseridas em diferentes contextos, já que as demandas decorrentes dessas esferas afetam a vida pessoal e profissional (AGUIAR; BASTOS, 2018). Apesar disso, algumas categorias profissionais são pouco estudadas, como a de trabalhadores rurais (CAVALHEIRO *et al.*, 2014; COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014; MARASCHIN *et al.*, 2020; THIOLENTE; DORIGON, 2014). A revisão sistemática realizada por Silva *et al.* (2019) identificou que entre 2004 e 2018 os estudos rurais versavam, principalmente, a respeito de três categorias de análise: movimento social e participação política; juventude e ruralidade; e condições de vida, saúde mental e suporte psicossocial.

Os contextos rurais, assim como o urbano, com o avanço do capitalismo, passam por transformações - sejam elas econômicas, ambientais e socioculturais. Ao fazer um resgate histórico sobre a temática é possível perceber que, inicialmente, o debate concentrava-se na dualidade rural versus urbano, e desde 1990 - sem muita homogeneidade - iniciou-se a busca pela compreensão do rural sob novas configurações sociais, incluindo discussões sobre espaço, território, sociabilidade, gênero, geração, etnia, raça, modos de vida e de trabalho (SILVA *et al.*, 2019). Apesar disso, há pouco conhecimento acerca das condições de vida envolvendo trabalho, família e saúde de trabalhadores rurais em comparação com os do contexto urbano. Por vezes, assuntos como doenças ou transtornos psicológicos que acontecem nesse meio não são visíveis, por ocorrerem em lugares distantes e, portanto, são ignorados (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014; THIOLENTE; DORIGON, 2014).

Ao delimitar a discussão do contexto rural para as relações entre a família e o trabalho, percebe-se que, essas instâncias operam de forma unificada e sistemática. Os integrantes da família produzem seu sustento e gerenciam os processos responsáveis pela renda familiar. Todas as ações de trabalho são interligadas pela relação familiar, por conseguinte, o gerenciamento e a forma de trabalho são influenciados diretamente por regras e valores inseridos na família (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014). Frente ao contexto explicitado, esta pesquisa buscou compreender as relações percebidas entre trabalho e família por mulheres trabalhadoras rurais familiares. Optou-se por investigar, especificamente, a percepção de mulheres, pois ainda enfrentam os respingos históricos que determinavam as funções e o que era trabalho masculino e feminino (SILVA *et al.*, 2019; SOUZA, 2020). Somado a isso, percebe-se que, as relações entre questões de gênero e ruralidade recebem pouca



atenção e força nos estudos da área da Psicologia, já que essa detém-se, muitas vezes, em discussões centradas em espaços urbanos (MACIAZEKI-GOMES *et al.*, 2016).

MÉTODO

O delineamento de pesquisa adotado foi qualitativo e de corte transversal. Ao considerar a pouca produção teórica sobre o fenômeno no contexto específico de estudo, classifica-se a pesquisa como exploratória, em que buscou-se proporcionar maior familiaridade com a temática, com vistas a torná-lo mais explícita.

Participaram oito mulheres trabalhadoras rurais familiares residentes em uma cidade do interior do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A amostra foi determinada por conveniência, a partir das redes de contatos das pesquisadoras e das indicações das próprias participantes, seguindo a técnica Snowball. Como critérios de inclusão para a participação na pesquisa estabeleceu-se a necessidade de: ser maior de 18 anos; estar em união que se configure um sistema familiar; aceitar participar da pesquisa de forma voluntária; e ser trabalhadora rural residente do município em que ocorreu a pesquisa. Com o número de entrevistas realizadas buscou-se atender ao critério de saturação dos dados, previsto quando ocorre a repetição dos conteúdos obtidos em entrevistas anteriores, não acrescentando informações novas e relevantes para a pesquisa. A seguir, o quadro 1 apresenta as características sociodemográficas das entrevistadas.

Quadro 1 - Características sociodemográficas das mulheres entrevistadas

Entrevistada	Idade	Estado civil/ tempo de união (anos)	Quantidade de filhos e idades	Tempo de trabalho no meio rural	Ramo de atuação
1	25	Casada (6)	Sem filhos	2 anos	Leiteira/ Lavoura/ Avicultura
2	42	Casada (24)	2 (10 e 18)	24 anos	Leiteira/ Lavoura
3	61	Casada (42)	2 (36 e 40)	A vida toda	Leiteira/ Lavoura
4	64	Casada (40)	2 (34 e 38)	A vida toda	Leiteira/ Lavoura
5	58	Casada (38)	3 (27,31 e 35)	A vida toda	Leiteira/ Lavoura/ Avicultura
6	34	Casada (10)	2 (4 e 8)	A vida toda	Leiteira/ Lavoura/ Suinocultura
7	52	Casada (34)	3 (25,27 e 33)	34 anos	Lavoura/ Leiteira e Fruticultura
8	44	Casada (23)	2 (16 e 21)	22 anos	Lavoura, Floricultura e Paisagismo

Fonte: Elaboração própria.

Dois instrumentos de coleta de dados foram aplicados. Primeiramente uma entrevista semiestruturada, com roteiro orientador, que continha dez perguntas que versavam sobre os temas: contexto do trabalho (por exemplo: descreva as atividades que você exerce em seu trabalho, sua rotina, responsabilidades e atribuições); o suporte e organização familiar (por exemplo: de que maneira vocês



recebem suporte familiar?); e as relações percebidas sobre trabalho e família (por exemplo: como você avalia o rendimento/desempenho de seu trabalho quando tem pendências familiares para resolver?). E posteriormente um questionário de dados sociodemográficos que trouxe informações relevantes para caracterização da amostra. A coleta foi conduzida pela primeira autora, sob orientação da segunda, que possui experiência em método e pesquisa.

As trabalhadoras rurais foram, inicialmente, contatadas por telefone para a realização do convite para a participação da pesquisa. Neste contato foi explicado o objetivo e aspectos do método da pesquisa, bem como, com o aceite, foi agendado o dia, horário e local para a realização da entrevista – foi disponibilizado a opção de realizá-la em formato online ou presencial, conforme preferência de cada entrevistada. As entrevistas presenciais foram realizadas nas residências das trabalhadoras, com o cuidado para que não ocorressem interrupções e para que pudessem estar à vontade para responder às questões. As entrevistas online aconteceram por intermédio da plataforma online Zoom e ligação de vídeo via WhatsApp – conforme preferência da entrevistada. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, para posterior transcrição e análise.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob número de parecer nº 4.747.426. Todas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, e concordaram voluntariamente em participar da pesquisa. Houve o respeito às normativas sobre o manejo correto dos conteúdos de dimensões da vida humana, previstas nas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, e para entrevistas online atentou-se a circular 002/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Os dados das entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo, atendendo as três fases propostas por Bardin (2011): pré-análise – organização dos dados, definição da forma de interpretação e preparo do material, leitura “flutuante”, e formulação de hipóteses para buscar responder os objetivos -; exploração do material - escolha de categorias (baseadas na organização das questões da entrevista) para realizar a classificação do conteúdo -; e o tratamento dos resultados - interpretação final dos dados e aprofundamento das análises das falas das trabalhadoras. As três categorias de análise são: contexto do trabalho, suporte e organização familiar e trabalho e família, que contêm subcategorias e características principais, conforme apresentado no quadro 2.



Quadro 2 - Apresentação das categorias, subcategorias e características que nortearam a análise

Categorias	Subcategorias	Características
Contexto do trabalho	Divisão das tarefas e responsabilidade Ajuda Tomada de decisão	Trabalho sete dias da semana Divisão das tarefas por gênero Auxílio do cônjuge nas atividades Tomada de decisão: compartilhada, percebida como realidade e por responsabilidades
Suporte e organização familiar	Suporte familiar e estendido Suporte dos vizinhos e comunidade Atividades de lazer Renda familiar	Suporte do casal, dos filhos e demais familiares, vizinhos e comunidade. Flexibilidade da jornada de trabalho e finais de semana com a família. Divisão da renda familiar entre os membros da família
Interface Trabalho e família	Aproximações e a integração Distanciamentos e dificuldades	Tentativas de equilibrar trabalho e família; Rotina quando tinham crianças pequenas; Trabalho que invade a conversa do dia a dia; Rendimento afetado pela contaminação do trabalho com preocupações da família.

Fonte: Elaboração própria.

O CONTEXTO DO TRABALHO: A ROTINA, O AUXÍLIO E AS RESPONSABILIDADES

O trabalho é uma dimensão pessoal e social importante na vida dos indivíduos, desempenhando funções significativas na formação da identidade, da subjetividade e na socialização (ANTUNES, 2015; MAIA; ALLOUFA; ARAÚJO, 2015; GONÇALVES *et al.*, 2020). No meio rural a realização do trabalho acontece sete dias na semana e os momentos de lazer, na vida do campo, ocorrem após a realização das atividades diárias de trabalho. Esse aspecto é ilustrado nas falas “*Nas últimas três semanas foi direto, não teve sábado e domingo, a vida no que interior é um trabalho nunca termina*” (Entrevistada 8) e “*Existem coisas que a gente deixa pronto na semana, mas no final de semana não existe como não fazer o trabalho, como a ordenha das vacas, por exemplo*” (Entrevistada 6). As famílias, em geral, possuem mais de um ramo de trabalho em suas propriedades, portanto existe um volume de atividades e tarefas a serem cumpridas diariamente. Se especificarmos, para a jornada do trabalho rural feminino percebe-se que ela é contínua, do amanhecer até a noite, sem, muitas vezes, tempo para lazer e para si, a tripla jornada de trabalho, que muitas vezes é invisível, pode resultar em uma sobrecarga (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014; MARASCHIN *et al.*, 2020; MORA GUERRERO *et al.*, 2022).

Além disso, durante o ano, os trabalhadores rurais fazem ajustes nos horários das atividades para conseguir atender as tarefas da propriedade, como na época de plantio e colheita de culturas. Dessa forma, o ritmo e a rotina de trabalho são adaptados aos ciclos dos animais e das culturas (CAVALHEIRO *et al.*, 2014). Alguns estudos com trabalhadores rurais se dedicam a descrever as tarefas e rotinas que envolvem essas diversas atividades, como o manejo dos animais (vacinação e alimentação), a ordenha de gado leiteiro, o armazenamento de leite, o cultivo de diferentes culturas



como soja, milho, trigo e aveia, entre outras (CAVALHEIRO *et al.*, 2014; THIOLENTE; DORIGON, 2014).

A literatura aponta que a ajuda e apoio familiar está associada a sentimento de equilíbrio nas demandas de trabalho e familiares (GREENHAUS; ALLEN, 2011), esse aspecto é percebido pelas mulheres participantes. Dentro da rotina de trabalho, existe ajuda entre o casal na realização de algumas atividades de trabalho, como nas falas: “*Ele [marido] volta e me ajuda a terminar a ordenha, as vezes, a rotina muda, se ele [marido] precisa de mim para fazer algum trabalho, deixo meu serviço aqui e vou ajudar.*” (Entrevistada 4) e “*Na época da safra de soja e trigo eu ajudo direto na lavoura*” (Entrevistada 8). Mesmo com a ajuda no trabalho entre os membros da família, a divisão de tarefas é um aspecto presente neste ambiente. Todas as entrevistadas citaram que existe uma organização quanto as atividades que cada integrante da família desempenha no trabalho, em especial, existe uma divisão por sexo, ou seja, o trabalho mais pesado e ligado a lavoura destina-se ao homem, e o trabalho doméstico, envolvendo atividades de casa, é direcionado a mulher. Identifica-se essa questão nas falas “*Fico aqui dentro de casa e meu esposo lá fora. De tarde eu corto grama, vou na horta, ajudo as meninas a fazer as atividades da escola e meu esposo cuida da lavoura*” (Entrevistada 2) e “*Ele [marido] vai para a lavoura e eu fico com a casa, limpeza de casa, lavar roupas e almoço*” (Entrevistada 4).

Embora a literatura pontue que, no passado havia uma forte divisão do trabalho por sexo, atualmente, mesmo com as conquistas das mulheres, ainda existem respingos históricos que tangem às funções masculinas e femininas, refletindo em desigualdade de gênero (SCHUH; SILVA, 2021; SOUZA, 2020). Em estudo realizado no Chile, é reforçada a perspectiva de que a divisão sexual do trabalho se mantém como um fator estrutural. Segundo as mulheres-mães participantes deste estudo, permanece a distribuição desigual das responsabilidades de cuidado dos filhos e das tarefas domésticas, o que faz com que sejam elas que suportam a maior parte das tarefas (MORA GUERRERO *et al.*, 2022).

As responsabilidades domésticas são comuns a todos que residem no ambiente, mas é perceptível as implicações históricas entre os papéis atribuídos ao “ser homem” e ao “ser mulher”. Essa divisão, por muito tempo, foi percebida como algo natural, e resulta na determinação de respectivos papéis sociais, atribuindo-se às mulheres os cuidados de casa e a tarefa de cuidar e educar os filhos; e aos homens, as atividades relacionadas ao domínio público – fora de casa -, à economia, à formulação das leis e à ciência que tangem e definem as funções ditas femininas e masculinas (MACIAZEKI-GOMES *et al.*, 2016; MARASCHIN *et al.*, 2020; MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017; SCHUH; SILVA, 2021; SILVA *et al.*, 2019; SOUZA, 2020). A pesquisa realizada com mulheres de um assentamento rural do Rio Grande do Norte identificou que o próprio casamento/união implica em um aumento de carga de



trabalho, em especial o doméstico – ligado a reprodução social e ao cuidado com o bem-estar dos demais membros da família (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014). A literatura indica que, a maior participação das mulheres em movimentos rurais, comunitários e políticos é que possibilitará a ruptura desses papéis sociais tradicionalmente atribuídos ao ser mulher (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014; MACIAZEKI-GOMES *et al.*, 2016; MASSON; BEAULIEU BASTIEN, 2021; SCHUH; SILVA, 2021; SILVA *et al.*, 2019).

Como todos familiares contribuem com o trabalho nas propriedades, as decisões com relação a questões do trabalho acontecem de três formas: compartilhada, por responsabilidades e “percebidas como compartilhadas”. Em algumas famílias a tomada de decisão é efetivamente compartilhada, como visualiza-se nas falas, “*A gente dialoga, conversa, para ver qual a melhor proposta, tomamos decisões juntos, os dois [eu e meu marido]*” (Entrevista 4) e “*A gente senta e decide juntos, eu, meu esposo e meu pai. Isso sempre foi assim*” (Entrevistada 5).

Em algumas entrevistas analisou-se que, embora as entrevistadas relatem que as decisões são compartilhadas, as falas indicam que, muitas vezes, a palavra final pertence ao marido: “*Na questão leiteira é o meu esposo que toma decisões, mas a gente entra em consenso, mas a decisão final sempre é dele, mas a gente conversa, ele nunca faz nada por conta e depois me avisa*” (Entrevistada 1) e “*Primeiro conversamos todos juntos, até com as meninas [filhas], conversamos em casa e depois com o irmão dele, a última palavra é dele, mas ele nunca faz nada em desacordo, ele precisa perceber que todos estão de acordo*” (Entrevistada 2). Percebe-se que, as mulheres participantes não possuem uma crítica sobre o acontecido nem sobre o próprio discurso, esse aspecto retoma a percepção da naturalização dos papéis (MACIAZEKI-GOMES *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2019; SOUZA, 2020).

A pesquisa de Costa, Dimenstein e Leite (2014) aponta que, no contexto investigado, a maioria das decisões sobre a produção e utilização dos recursos financeiro familiar ainda cabem aos homens, mesmo que sejam resultados do trabalho e atividades desempenhadas pelas mulheres. A última palavra pertencer ao marido revela características de uma família conservadora (MARTINS *et al.*, 2010). O estudo de Molina (2021) evidencia que, muitas vezes, o conflito trabalho-família aparece frente a tomadas de decisão que são percebidas como colaborativas, seja no gerenciamento de decisões familiares importantes, como uma mudança de cultura de plantio, ou mesmo em decisões simples e diárias, quem deixará o trabalho para buscar a criança na escola.

Segundo algumas entrevistadas, a tomada de decisão também pode ocorrer por responsabilidades, ou seja, diz respeito ao trabalho que cada um exerce no dia a dia, esse aspecto é identificado nas falas: “*Dependendo do setor que precisa tomar a decisão, fica de responsabilidade de quem mais exerce a função*” (Entrevistada 7) e “*Tem coisas que eu dou a última palavra, as vezes ele*



[marido] dá, depende se a decisão tem mais a ver com o serviço dele ou com o meu” (Entrevistada 3). É representativo e contemporâneo o fato de que em algumas famílias ocorra a tomada de decisão compartilhada ou por responsabilidades. Esse aspecto demonstra que, no campo também pode existir uma evolução de ideias que rompe com o conservadorismo, contrapondo a percepção de que no meio rural habitam pessoas desatualizadas e prejudicadas pela falta de acesso a informações (MARTINS *et al.*, 2010).

SUPORTE FAMILIAR: REDES DE APOIO E A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR

Atualmente, fala-se em “famílias” para incluir toda a diversidade de mudanças que esta instituição vem enfrentando tanto em termos de estrutura e conceituação, quanto de funcionalidade (MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017; SILVA; ORO; BOSSARDI, 2021). A família é fonte de suporte social e é um dos principais fatores protetivos para os indivíduos, quanto maior o suporte recebido dos familiares, menores as chances de desenvolvimento de transtornos mentais e vulnerabilidades. Em especial, na agricultura familiar, o casamento (ou união) e tudo que envolve esse relacionamento – filhos, cuidado com a casa, renda – possuem papel central na lógica de organização do grupo doméstico, além de ser orientador da vida social no campo (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014)

As trabalhadoras rurais constatarem que recebem o suporte familiar de diferentes formas e tem a quem recorrer em momentos de necessidade, como nas falas: “*O suporte familiar é dos filhos, eu tenho também ajuda de um irmão que, quando preciso, me ajuda, dos irmãos do meu esposo e do sobrinho também*” (Entrevistada 7) e “*Outras coisas como doença, já aconteceu, então já veio minha filha mais velha, as filhas vêm e fazem a ordenha, vamos supor que nós temos que sair os dois, então, vem a minha filha e o genro e eles fazem o trabalho*” (Entrevistada 6). Os vizinhos e a comunidade também são mencionados: “*Com os vizinhos, a gente já precisou bastante dos vizinhos*” (Entrevistada 4) e “*Tem os vizinhos, meu cunhado que colabora muito quando precisamos, se os filhos têm folga eles vêm assumir*” (Entrevistada 4). É notório o senso de pertencimento em comunidades no interior, em que se constroem vínculos sociais e partilha-se de solidariedade. As relações sociais construídas na confiança, onde as pessoas demonstram preocupação com o outro e disponibilizam-se a ajudar, resumem o que é apoio social (FONSECA; MOURA, 2008). A revisão de literatura de Medeiros, Aguiar e Barham, (2017) identificou que dentre os fatores que favorecem o bem-estar do indivíduo e das pessoas ao seu redor é a possibilidade de terceiros contribuírem para organizar as rotinas, de forma que as atividades familiares e profissionais sejam realizadas e para controlar o estresse inerente a esse contexto de vida. Somado a



isso, pais costumam trazer sua forma de cuidar e suas estratégias desenvolvidas na sua experiência de serem filhos, repetindo o modelo parental aprendido, no entanto, pode existir uma quebra dos padrões (SILVA; ORO; BOSSARDI, 2021)

Apesar do trabalho durante todos os dias da semana e em ritmo intenso, em especial em certos período do ano, os trabalhadores rurais possuem autonomia para pequenos descansos no dia a dia de forma que não prejudique o rendimento das atividades, como relatados: *“No dia a dia a gente senta, come uma fruta, aproveita para conversar um pouco, no verão deitamos de meio dia”* (Entrevistada 3) e *“Durante a semana as vezes a gente faz alguma coisa, de tarde a gente descansa, senta e conversa”* (Entrevistada 4). No contexto rural, diferentemente do trabalho dentro de empresas do ramo privado ou público, existe a possibilidade de o trabalhador organizar seu tempo conforme suas exigências. A flexibilidade de horário em que o indivíduo pode diminuir o tempo dedicado ao trabalho e aumentar o tempo dedicado à família, facilita a vida do trabalhador, trazendo um efeito positivo frente às duas esferas, trabalho e família (CHAMBEL; SANTOS, 2009).

Em um contexto em que o trabalho ocorre todos os dias, o lazer acontece, na maioria das vezes, aos finais de semana, com uma característica em comum, o almoço de domingo sendo o momento compartilhado, em que se reúne toda a família: *“Domingo já vem a família, o meu esposo tem mais dois irmãos, então vem todos para cá... é mais tranquilo, tem mais as folgas, nós vamos fazendo o necessário”* (Entrevistada 1) e *“O almoço de domingo é algo muito importante, datas comemorativas como natal e ano novo são muito importantes para a família”* (Entrevistada 7). O lazer surge como forma de compensar os desgastes dos trabalhadores, esses momentos são prazerosos e promovem saúde e bem-estar (SILVA *et al.*, 2017).

Diante do fato de que, historicamente, nas propriedades agrícolas existia desigualdades entre homens e mulheres na distribuição e acesso a renda, a ponto das mulheres terem o casamento como única forma de acesso a bens materiais, considerou-se pertinente entender a atual divisão de renda entre os integrantes da família: *“Não existe uma divisão exata, existe uma necessidade, cada um é atendido conforme sua necessidade, no começo da nossa vida conjugal ele cuidava mais, eu cuidava mais de outras coisas, hoje a tarefa é dividida”* (Entrevistada 7) e *“Não existe divisão, o que é da lavoura, da floricultura vai para o mesmo monte, é pago tudo que precisa”* (Entrevistada 8). Hoje as mulheres ocupam um espaço de maior igualdade em relação a renda familiar, tendo maior acesso aos rendimentos e a possibilidade de usufruir do faturamento da propriedade, provando que o trabalho da mulher tem o mesmo valor que o do homem. A pesquisa de Maraschin *et al.* (2020) com trabalhadoras rurais do oeste do Paraná concluiu que, as mulheres, nos últimos anos, estão conquistando espaço e assumindo papéis



de liderança no meio rural o que representa um avanço social e reforça o protagonismo e empoderamento das mesmas.

O TRABALHO E A FAMÍLIA: RELAÇÕES, IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS

O trabalho, seja formal ou informal, tem contribuição de valor na vida dos indivíduos e está integrado na rotina familiar (BILAC, 2014). O trabalho e a família possuem um funcionamento próprio e exigem diferentes comportamentos e sentimentos das pessoas (WALSH, 2016). Apesar disso, mesmo essas instâncias sendo diferentes, se influenciam, ou seja, aspectos do trabalho impactam na família e vice-versa (AGUIAR; BASTOS, 2018; GOULART JR *et al.*, 2013; MOLINA, 2021). Algumas famílias fazem tentativas de equilibrar e distanciar questões do trabalho e da família, como apresentado nos trechos a seguir:

“Hoje é bem dividido, quando estamos em momento de trabalho a dedicação é do trabalho, então se é para conversar é sobre o trabalho no momento, e tomadas de decisões são feitas fora do horário, geralmente a noite antes de descansar nossa jornada é mais longa, e depois você tem um momento de descanso e aí você pode dedicar para a família” (Entrevistada 7) e,

“A partir do momento que o serviço urgente terminou...hoje vamos descansar, não vamos trabalhar, vamos ver um filme, escutando música, tomar chimarrão, almoçar mais tarde, a vida é tão corrida, tão trabalhosa, como que eu vou ficar de noite até tarde fazendo faxina, eu quero aproveitar o tempo para namorar” (Entrevistada 8).

Algumas pesquisas apresentam abordagens voltados ao equilíbrio na relação e ao lado positivo entre trabalho-família, visualizando a possibilidade de conciliação dessa interação (AGUIAR; BASTOS, 2017; GREENHAUS; ALLEN, 2011; MAIA; ALLOUFA; ARAÚJO, 2015). Em estudos são percebidos mais benefícios decorrentes dos acúmulos de papéis relacionados aos âmbitos profissionais e pessoais do que seus prejuízos (AGUIAR; BASTOS, 2017), em especial quando há um foco na promoção e expansão do desenvolvimento – amplia-se as habilidades e as competências - de uma pessoa que mantém-se envolvida com o trabalho e a família (MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017).

Muitas mulheres encontram formas de somar e conciliar as atividades domésticas com as laborais, assumindo múltiplos papéis e jornadas de trabalho mais longas (COSTA *et al.*, 2014; MARASCHIN *et al.*, 2020; SOUZA, 2020). Algumas trabalhadoras recordaram épocas em que tinham filhos pequenos e precisavam distribuir o tempo entre os afazeres da propriedade e as crianças: “É bem complicado no interior, assim, eu ia para a ordenha as crianças estavam dormindo, tomávamos café juntos, depois cada um fazia suas coisas, era mais perto da noite que fazíamos alguma brincadeira, ficava com as crianças” (Entrevistada 3) e “Na época que as crianças eram pequenas, a gente



programava para dar atenção para eles, para brincar, de tarde fazia a ordenha antes, depois brincava com eles no pátio e de noite dava atenção também porque eles precisavam” (Entrevistada 4). Essas responsabilidades transformam-se, muitas vezes, em costumes que são trazidos na forma de cuidar e nas estratégias desenvolvidas na experiência de serem filhas, repetindo o modelo aprendido (SILVA; ORO; BOSSARDI, 2021). Uma revisão de literatura destacou que, nos estudos analisados, comumente há a constatação de que mulheres enfrentam mais conflitos em decorrência da significativa carga doméstica a que estão sujeitas (MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017).

A realidade das mulheres em contextos rurais é atravessada por determinantes que influenciam seus modos de vida e aspectos subjetivos, relacionados as questões de gênero e geracionais que refletem em suas trajetórias de vida, de trabalho, em suas perspectivas de futuro, em sua ação política, em seu processo saúde-doença, em suas relações familiares (SILVA *et al.*, 2019). As atuais mudanças no papel da mulher na sociedade, com mais representação, voz e força, representam também a transformação que ocorre nas famílias (MARASCHIN *et al.*, 2020; MASSON; BEAULIEU BASTIEN, 2021; MOLINA, 2021), uma possibilidade de quebra de padrões e costumes (SILVA; ORO; BOSSARDI, 2021).

A família e o trabalho produtivo no meio rural dividem o mesmo espaço (COSTA; DIMENSTEIN; LEITE; 2014), portanto estão integradas e, por essa razão, investigou-se como é a organização do tempo dedicado ao trabalho e a família e como são tratados os assuntos do trabalho que permeavam os momentos familiares. As falas reforçaram essa integração entre os aspectos do trabalho e da família como exemplificado nas falas “*qualquer hora é hora*” (Entrevistada 3), “*Não tem nada disso né, de não poder falar, ter um momento só de lazer é difícil né, não tem muito disso assim ...de toda hora, de todos os momentos se falar de trabalho, mas não tem nada definido*” (Entrevistada 1), “*Não existe muito uma separação, a gente fala a qualquer hora, o que precisa ser dito se fala*” (Entrevistada 3) e “*Não, é tudo junto. Não tem nada combinado, conforme vai acontecendo o dia a dia a gente para conversar. No nosso dia a dia é isso não tem muito como separar*” (Entrevistada 5). A integração do trabalho e da família neste espaço não necessariamente pode ser definida enquanto positiva ou negativa, pois ocorre uma mistura de impactos bons e ruins das duas esferas, influenciados por diversos fatores, por exemplo: demandas de trabalho e da família, apoio social recebido nas dificuldades, nível de responsabilidades de cada indivíduo (BARHAM; VANALLI, 2012). Altas interferências do trabalho na vida familiar e da família na vida profissional já foram negativamente associadas ao equilíbrio trabalho-família, apesar disso, quando essas interferências são limitadas - entre os papéis profissionais e familiares - há uma perspectiva de melhora do desempenho e de satisfação nos papéis, promovendo sentimentos de equilíbrio (GREENHAUS; ALLEN, 2011).



Para que ocorra a segmentação dos dois domínios é necessário um esforço ativo para manter separados envolvimento profissional e familiar e assim evitar conflitos entre os papéis (MEDEIROS; AGUIAR; BARHAM, 2017). A literatura aponta que há fatores que podem aumentar ou diminuir a capacidade de um indivíduo de segmentar o trabalho e o não trabalho enquanto trabalha em casa, dentre eles ter um espaço físico delimitado - para realizar as atividades de trabalho e os familiares - e o número de pessoas na casa – por exemplo, ter filhos pequenos influencia na separação das demandas (ALLEN *et al.*, 2021).

No decorrer das entrevistas as trabalhadoras avaliaram o rendimento e desempenho no trabalho quando existem pendências familiares para resolver. A maioria expressou que ocorre uma contaminação no trabalho por questões familiares, como podemos observar nas falas a seguir, “*O rendimento fica bem pior, a gente fica avoado, as coisas não vão para frente, não fica tão interessado se vai ficar bom ou não, por ser dono do negócio também, fica meio perdido vai fazendo. Não é uma coisa que rende muito não*” (Entrevistada 6) e “*A gente não consegue render o suficiente, parece que não termina mais o serviço, que não ficou bem feito.*” (Entrevistada 5). O levantamento da literatura realizado por Molina (2021) identificou que dificuldades econômicas emergem como o preditor mais importante de conflitos entre a família e o trabalho e de problemas conjugais, além disso problemas relacionados a saúde física e mental de membros da família também foram positivamente relacionados com a vivência de conflito trabalho-família. Entende-se que as questões familiares podem afetar o desempenho do indivíduo em suas atividades laborais, em contrapartida questões originadas no contexto do trabalho podem ter reflexos nas relações familiares, e isso influencia diretamente o bem-estar do indivíduo (GOULART JR *et al.*, 2013). O termo utilizado para explicar esse fenômeno é a bidirecionalidade, pois o trabalho pode trazer prejuízos e benefícios para o indivíduo, bem como a família pode influenciar o desempenho positivo ou negativo das atividades laborais (AGUIAR; BASTOS, 2018).

É interessante compreender as relações percebidas entre trabalho e família para trabalhadoras rurais familiares, verificar que neste meio existem formas de organização do trabalho, como a separação de atividades entre os membros familiares, suporte de vizinhos e comunidade, verificar que cada família adaptou formas para tomada de decisões e divisão de renda. Em contrapartida é notório a integração do trabalho no ambiente familiar, os assuntos relacionados ao trabalho permeiam momentos de lazer e de descanso, bem como problemas familiares afetam o rendimento do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa compreendeu as relações percebidas entre trabalho e família para mulheres trabalhadoras rurais familiares. Frente as diversas demandas de trabalho, as famílias desenvolvem uma



organização e distribuição de atividades envolvendo todos os membros, apesar disso, ainda é característico a divisão de tarefas entre homens e mulheres, existe a percepção de colaboração entre o casal no trabalho onde ocorre um auxílio na rotina de atividades. A partir das falas, identificou-se que algumas famílias buscam separar o trabalho dos momentos de lazer, embora percebam que esta divisão não é tarefa fácil, pois vivem no ambiente de trabalho como também trabalham com seus familiares. A integração das duas esferas - trabalho e família - na vida das mulheres trabalhadoras foi nítida, todos os momentos são considerados adequados para se discutir questões relacionados ao trabalho e isto não é compreendido como um aspecto negativo em suas vidas. Um fator relevante mencionado nas entrevistas é o quanto a rotina das trabalhadoras foi moldada para atender as necessidades dos filhos pequenos, de modo que a jornada de trabalho da mulher se estende para atender as demandas laborais, familiares e de trabalhos domésticos. Inevitavelmente existe a contaminação do trabalho com preocupações familiares, resultando em um declínio no rendimento.

A pesquisa teve implicações teóricas, práticas e sociais. Possibilitou maior entendimento acerca de aspectos relacionados à interface trabalho-família e família-trabalho com subsídios empíricos referentes ao contexto de trabalho de trabalhadoras rurais. O estudo possibilitou refletir sobre a importância do olhar para estes trabalhadores, público de poucas pesquisas, mas que também possuem demandas e necessidades de intervenções e ações. Para as participantes, acredita-se que a pesquisa possibilitou uma reflexão a respeito da temática, fomentando o conhecimento sobre suas condições de vida e trabalho e também sobre práticas comportamentais que podem ser desenvolvidas para a conciliação da interface. Abriu-se a oportunidade para se pensar sobre os possíveis prejuízos decorrentes da interação constante entre o trabalho e a família, bem como a possibilidade de compartilhar momentos de lazer em família sem a contaminação de assuntos relacionados ao trabalho. Em específico um grande ganho com este estudo foi poder visualizar que as mulheres participam ativamente das tomadas de decisões nas propriedades e tem acesso igualitário aos rendimentos financeiros.

Um limitador da pesquisa foi a escolha do público a ser investigado, inicialmente a ideia era entrevistar casais trabalhadores rurais, mas a aplicação da pesquisa coincidiu com a época de colheita de soja no campo (principal cultura da região), portanto entendeu-se que os homens não dispunham de tempo e interesse para a participação, influenciando na decisão de realizar a pesquisa apenas com as trabalhadoras rurais. Apesar disto, a ausência dos maridos nas entrevistas influenciou positivamente no resultado, as trabalhadoras ficaram à vontade para falar e trazer informações sem receios de julgamentos, aumentando a quantidade e qualidade do conteúdo coletado. Outro limitador foi o fato de algumas trabalhadoras não aceitarem o convite em participar da pesquisa, por receio de não conseguirem responder adequadamente as perguntas. É importante pontuar que este estudo se refere a



relatos de uma realidade específica em que as trabalhadoras possuíam famílias minimamente estruturadas, com boas condições socioeconômicas e rede de suporte. Sabe-se que esse contexto não é a realidade para muitas trabalhadoras rurais que enfrentam o atravessamento de questões relacionadas a pobreza, exclusão social, vulnerabilidade psicossocial, violência social, doméstica e sexual. Os trabalhadores rurais podem ser fontes de novos estudos, abrangendo temas como a diferenciação das atividades de homens e mulheres no meio rural, investigações de como o casal vivencia a interface trabalho-família, tal como explorar as percepções das mulheres que assumiram novos papéis no interior, trabalhando diretamente com atividades que historicamente eram destinadas aos homens.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, C. V. N.; BASTOS, A. V. B. “Interfaces entre trabalho e família: Caracterização do fenômeno e análise de preditores”. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, vol. 17, n. 1, 2017.

AGUIAR, C. V. N.; BASTOS, A. V. B. “Interfaces entre o trabalho e a família: Questões conceituais e empíricas”. **Estudos de Psicologia**, vol. 23, n. 3, 2018.

ALLEN, T. D. *et al.* “Boundary Management and Work-Nonwork Balance While Working from Home”. **Applied Psychology**, vol. 70, 2021.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70, 2011.

BARHAM, E. J.; VANALLI, A. C. G. “Trabalho e família: perspectivas teóricas e desafios atuais”. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, vol. 12, n. 1, 2012.

BILAC, E. D. “Trabalho e Família: Articulações possíveis”. **Revista de Sociologia: Tempo Social**, vol. 26, n. 1, 2014.

CAVALHEIRO, C. N. *et al.* “Perfil socioeconômico e análise da qualidade de vida dos produtores de leite da comunidade São Justino, em Juína/MT”. **Revista Destaques Acadêmicos**, vol. 6, n. 3, 2014.

CHAMBEL, M. J.; SANTOS, M. V. D. “Prática de conciliação e satisfação no trabalho: mediação da facilitação do trabalho na família”. **Estudos de Psicologia**, vol. 26, n. 3, 2009.

COSTA, M. DA G. S. G. DA; DIMENSTEIN, M. D. B.; LEITE, J. F. “Condições de vida, gênero e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas”. **Estudo de Psicologia**, vol. 19, n. 2, 2014.

FONSECA, I. S. S.; MOURA, S. B. “Apoio social, saúde e trabalho: uma breve revisão”. **Psicologia para América Latina**, n. 15, 2008.

GONÇALVES, J. *et al.* Sentidos e significados do trabalho. In: TOLFO, S. R. **Gestão de pessoas e saúde mental do trabalhador**: Fundamentos e intervenções com base na psicologia. São Paulo: Editora Vetor, 2020.



GOULART JR. E. *et al.* “Exigências familiares e do trabalho: Um equilíbrio necessário para a saúde de trabalhadores e organizações”. **Pensando Famílias**, vol. 17, n. 1, 2013.

GREENHAUS, J. H.; ALLEN, T. D. “Work–family balance: A review and extension of the literature”. *In*: QUICK, J. C.; TETRICK, L. E. (eds.). **Handbook of occupational health psychology**. Washington: American Psychological Association, 2011.

MACIAZEKI-GOMES, R. C. *et al.* “Participação política e subjetividade – Narrativas de vida de trabalhadoras rurais do sul do Brasil”. **Psico**, vol. 47, n. 2, 2016.

MAIA, K.; ALLOUFA, J. M.; ARAÚJO, R. M. “Interação trabalho e família: O enriquecimento como implicação da acumulação de papéis”. **Revista de Gestão e Secretariado**, vol. 6, n. 2, 2015.

MARASCHIN, M. S. *et al.* “Condições de vida e saúde de mulheres trabalhadoras rurais”. **Nursing**, vol. 23, n. 265, 2020.

MARTINS, A. M. *et al.* “A formação em Psicologia e a percepção do meio rural: um debate necessário”. **Psicologia Ensino e Formação**, vol. 1, n. 1, 2010.

MASSON, D.; BEAULIEU BASTIEN, E. “The Relational Dynamics of Becoming Popular Feminist Subjects: The World March of Women and Rural/Peasant Women’s Organizing in Brazil in the 2000s”. **Latin American Perspectives**, vol. 48, n. 5, 2021.

MATIAS, M.; FONTAINE, A. M. “A conciliação de papéis profissionais e familiares: O mecanismo psicológico de spillover”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 28, n. 2, 2012.

MEDEIROS, T. J.; AGUIAR, J.; BARHAM, E. J. “Entre o conflito e o equilíbrio: ferramentas para examinar a reação trabalho-família”. **Psicologia Argumento**, vol. 35, n. 88, 2017.

MOLINA, J. A. “The Work–Family Conflict: Evidence from the Recent Decade and Lines of Future Research”. **Journal of Family and Economic**, vol. 42, n. 1, 2021.

MORA-GUERRERO, G. *et al.* “Conflictos en la Conciliación Trabajo y Maternidad en Contexto Rural”. **Multidisciplinary Journal of Gender Studies**, vol. 11, n. 3, 2022.

OLIVEIRA, L. B.; CAVAZOTTE, F. S. C. N.; PACIELLO, R. R. “Antecedentes e consequentes dos conflitos entre trabalho e família”. **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 17, n. 4, 2013.

SCHUH, T. J.; SILVA, M. G. “Divisão sexual do trabalho: uma análise da exploração histórica do trabalho feminino e sua manifestação no Brasil”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 14, 2021.

SILVA, A. C.; ORO, G. Z.; BOSSARDI, C. N. “Aspectos intergeracionais de famílias em situação de violência”. **Pensando Famílias**, vol. 25, n. 2, 2021.

SILVA, C. L. *et al.* “Atividade física de lazer e saúde: uma revisão sistemática”. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, vol. 25, n. 1, 2017.

SILVA, B. I. B. M. *et al.* “Produção da Psicologia no Brasil sobre mulheres rurais: revisão sistemática”. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 71, n. 2, 2019.

SOUZA, C. G. “A mulher de negócios no discurso do trabalho feminino”. **Revista Katálysis**, vol. 23, n. 3, 2020.



THIOLLENT, M. J. M.; DORIGON, C. “Estudos das condições de vida, trabalho e saúde de produtores rurais: A contribuição de Michèle Salmona”. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, vol. 16, n. 3, 2014.

WALSH, F. “Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI”. *In*: WALSH, F. **Processos normativos da família: Diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2016.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 45 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima